



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa de televisão “Charlie Rose”

Nova Iorque - EUA, 25 de setembro de 2007

Presidente: Você sabe que o meu ministro das Relações Exteriores é seu fã, porque ele vem insistindo desde quinta-feira que eu deveria participar do programa.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Lógico, aliás, estamos precisando um pouco lá, de uma imprensa um pouco mais séria. No Brasil, não tem muito debate na televisão, tem um único programa na TV Cultura, que é uma TV pública do estado de São Paulo, que é uma entrevista chamada “Roda Viva”. São seis ou sete jornalistas entrevistando uma pessoa. Fora isso, não tem debate em televisão, só em época de campanha eleitoral.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olha, no fundo, no fundo, quando a gente faz política, o que a gente espera realizar a cada viagem que fazemos é estreitar as nossas relações ainda mais, construir uma relação de confiança, na política, conta muito. A relação de confiança na política é condição *sine qua non* para o sucesso da sua atividade política. E eu vim para um jantar, ontem, que eu considerei importante porque foi a primeira vez que se levou a discussão climática para os líderes políticos, porque até então era uma questão apenas de técnicos. Então, agora, os dirigentes estavam ontem presentes: Angela Merkel, Bush, Sarkozy, Zapatero, Sócrates, Mbeki, eu, o presidente da



Indonésia, o ministro russo, o ministro chinês, o primeiro-ministro japonês. Então, foi uma coisa extremamente importante. Não temos acordos, obviamente. Muita divergência e pouca concordância.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu penso que são os dois. Todo mundo compreende que nós temos um problema sério com o aquecimento do Planeta. Ninguém quer ser culpado, todos querem ser inocentes, e nós precisamos ter coragem de discutir algumas coisas que são importantes. Por exemplo: a questão do padrão de desenvolvimento industrial de cada país, a questão do padrão de consumo de cada sociedade. Ou seja, é preciso que o ser humano diminua o seu ímpeto para que a gente possa preservar mais as matérias-primas produzidas pela natureza e para que, cada vez mais, a gente torne o mundo menos degradável. É uma conversa complicada, porque quando o gás efeito estufa ganha a atmosfera não tem fronteiras. Eu não sei se o gás é americano ou é brasileiro, não sei se é chinês ou argentino, ele está no ar, e o dado concreto é que ele está causando problemas. As mudanças nas intempéries são visíveis. A cada ano os fenômenos se repetem cada vez com mais gravidade. Então, eu penso que a Terra, que já nos deu tantas coisas, merece que paremos um pouco e pensemos o que pretendemos fazer com ela. Cuidar com mais carinho como se fosse uma coisa nossa, administrada com interesse coletivo e público.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu fico encorajado porque é um tema apaixonante. Essa questão climática é um tema apaixonante porque muitas vezes os políticos não querem dar importância no primeiro momento. Eu me lembro que, há 20 anos, 25 anos, os ambientalistas começaram a se organizar e a fazer denúncias, eram



tratados como se fossem inimigos da humanidade. E, hoje, está provado que eles estavam certos. Com radicalismo ou não, o dado concreto é que muitas das coisas que eram vistas naquele momento estão acontecendo agora. Então, eu penso que é sempre tempo de parar, refletir, pensar e planejar, sem ficar culpando ninguém. Ninguém é 100% culpado, como ninguém é 100% inocente. Ou seja, é preciso que a gente agora diga o seguinte: o que fazer para que nos próximos anos o mundo volte a respirar melhor e a gente volte a ter um certo controle da situação climática. É um desafio para todos nós, independente de governo, mas é importante que os governos estejam participando.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olha, o primeiro passo é detectar o que fazer coletivamente. Nós vamos ter uma reunião na Indonésia no final do ano e, nessa reunião, nós vamos tentar encontrar um caminho que possa orientar todos os países. Depois, cada país começar a tratar de cuidar das suas coisas. Porque é sempre um problema difícil, porque os países ricos são os que mais emitem gás efeito estufa, é preciso pensar o que fazer. Os países pobres têm que combinar a preservação ambiental com o crescimento econômico, porque tem, por de trás de tudo isso, uma miséria muito grande.

A Amazônia brasileira. Nós temos 360 milhões de hectares na Amazônia Legal. Mas, na Amazônia Legal, moram 23 milhões de habitantes ou um pouco mais, que são gente pobre que quer trabalhar e quer sobreviver dignamente. Como compatibilizar o desenvolvimento de uma região como essa com o acesso das pessoas a empregos, a salários e a bens materiais que eles têm direito? É esse o desafio que está colocado para nós. E eu penso que nós temos condições, todos os países, com um pouco de determinação política, de resolver o problema.



Jornalista: (em inglês)

Presidente: Veja, nós fizemos uma proposta em Nairóbi, é uma proposta brasileira que foi feita no ano passado, de que os países ricos deveriam aprovar um fundo de compensação para os países que diminuam o desmatamento. Por exemplo: nesses últimos 30 anos, com a introdução do etanol na gasolina brasileira, nós já deixamos de jogar na atmosfera 644 milhões de toneladas de gás efeito estufa. Por conta do desmatamento que estamos diminuindo na Amazônia, nós já conseguimos evitar, até agora, mais 440 milhões de toneladas de CO₂. Pretendemos chegar, até o final do ano, a 500 milhões de toneladas. Esse sacrifício que o Brasil faz para preservar a sua Amazônia precisa ter uma compensação financeira para que você tenha um modelo de desenvolvimento limpo, para que você possa gerar oportunidades de empregos para as pessoas que residem nessa situação. Porque senão, eles são motivados a cortar madeira, a vender madeira. E vendem para quem? Vendem exatamente para os países ricos. Então, eu acho que todos nós, a partir desse encontro de Deli, poderemos encontrar um caminho pelo qual poderemos anunciar ao mundo que vamos ser mais responsáveis para cuidar de uma coisa que Deus nos deu.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olha, eu acho que ele ainda está preparado para convencer os produtores de milho aqui, nos Estados Unidos, a produzir etanol, ainda não está muito preparado para reduzir uma tarifa de 54% que é jogado no etanol brasileiro. Mas isso também é um processo. É um processo de convencimento, é um processo das pessoas caírem na realidade e perceberem que a introdução do etanol na matriz energética na área de combustível é um bem para a humanidade. A União Européia decidiu, até 2020, introduzir 10% de



etanol, de biocombustíveis, no combustível fóssil. Os Estados Unidos que, certamente têm a maior frota de carros do mundo, também vai ter que introduzir. Ou vão produzir internamente, ou vão comprar do Brasil, ou vão comprar de países africanos, ou vão comprar de países da América Latina.

Quando eu pensei nos biocombustíveis, eu, na verdade, imaginava que era a chance de reparação que os países ricos e os países em desenvolvimento deveriam fazer com os países mais pobres da América Central, do Caribe e da África. Países que não tiveram oportunidades, no século XX, e que poderiam ter oportunidades agora, no século XXI. Pense bem uma coisa: para encontrar petróleo em águas profundas, uma plataforma de 200 mil barris diário, custa 2 bilhões de dólares. Ou seja, é preciso mão-de-obra altamente qualificada. E você, no processo de construção, você vai gerar sete mil empregos, seis mil empregos. E, depois que estiver em funcionamento, você vai gerar menos empregos. Agora, é preciso ter muito conhecimento tecnológico, o Brasil tem. O Brasil é auto-suficiente em petróleo, a Petrobras é a empresa que mais detém tecnologia para fazer prospecção em águas profundas.

Imagine que coisa fantástica: um cidadão, em qualquer parte do mundo, analfabeto, ele pode com sua mão cavar um buraco e plantar uma oleaginosa e, dessa oleaginosa, tirar o combustível para o seu carro, sem criar nenhuma implicação. Então, da mesma forma que os países ricos hoje importam petróleo dos poucos países que têm petróleo, há possibilidades dos países ricos importarem etanol e biodiesel dos países pobres, que podem utilizar parte das suas terras para plantar biocombustíveis. É com esse entusiasmo que eu sou um apaixonado pela mudança da matriz energética.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu senti. Veja, eu sinto que o presidente Bush está mais flexível



desde a visita que ele fez ao Brasil no ano passado. Depois, esse ano, na conversa que temos tido ao longo desse período de mandato, eu sinto que o presidente Bush está muito mais flexível, muito mais disposto a discutir. Tem uma coisa, que é a dimensão americana. É um país muito grande, muito rico, detentor de muita tecnologia. Então, num primeiro momento, é natural que os Estados Unidos queiram produzir etanol dentro dos Estados Unidos.

Eu acho que a soberania de cada país é intocável e as decisões soberanas são intocáveis. Agora, eu acho um equívoco tentar produzir etanol de milho. Acho um equívoco porque o milho é a ração básica de muitos animais criados pelo próprio ser humano e pode encarecer muito o preço do milho no mundo inteiro e, sobretudo, pode tornar também inviável a compra da carne, por conta do preço do milho. Sobretudo países como o México e países da Sul da América e da Europa, que comem muita tortilha, ou seja, vão sofrer as conseqüências.

E, depois, uma coisa importante. É que o etanol produzido da cana-de-açúcar, ele é mais barato do que o etanol produzido do milho. Bem, nós estamos começando um processo, vamos ver o que acontece nos próximos anos. O que eu peço a Deus é que a gente consiga, não apenas americanos e brasileiros, mas o mundo inteiro, a levar a sério essa questão de uma nova matriz energética, na área de combustíveis. Afinal de contas, não é o meu carro que está precisando, é o mundo e o Planeta que estão precisando de mais cuidado e mais carinho.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu penso que é uma necessidade. Eu disse ao presidente Bush, tenho dito ao presidente Hu Jintao, tenho dito à primeira-ministra Ângela Merkel, tenho dito ao presidente Sarkozy: é um equívoco continuar com a ONU funcionando no mesmo padrão que ela foi criada, há 60 anos. Olhemos a



geografia do mundo e nós vamos perceber que o mundo mudou. Imagine uma coisa: a Rússia, hoje, é menor do que antes da Revolução de 1917. Ou seja, então por que manter um determinado grupo de privilegiados como membros permanentes do Conselho de Segurança? Por que manter a questão do direito de veto? Se nós quisermos que a ONU represente condignamente os interesses dos países do mundo inteiro, nós temos que democratizá-la.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Bem, as pessoas estão preparadas em termos, porque todo mundo fala: eu sou favorável. Mas, por exemplo, a China não quer que o Japão entre, a Itália não quer que a Alemanha entre, tem outros países que têm ciúmes do Brasil. Quem é que entra? Brasil, México, Argentina? Quem é que entra da África? África do Sul, Nigéria, Argélia, Egito? Ora, meu Deus do céu! Primeiro nós temos que aprovar que vamos democratizar o Conselho e, depois, vamos discutir quais os países.

O dado concreto é que o mundo precisa ser melhor representado nas Nações Unidas. Isso é importante para os Estados Unidos e é importante para o Brasil. É importante para os Estados Unidos, porque não fica ele, como a maior economia do mundo, como o país de maior potencial bélico do mundo, com a responsabilidade toda nas suas costas, e isso vai repartir com outros países.

Por isso que eu estou confiante. Eu tive uma reunião com o presidente Sarkozy e ele tem declarado publicamente: ele vai colocar como uma das bandeiras prioritárias do governo francês a democratização do Conselho de Segurança da ONU e o aumento do número dos membros permanentes, inclusive defender o Brasil.

Jornalista: (em inglês)



Presidente: Mas eu acho que o próprio presidente Bush e qualquer governo americano deveria defender o Brasil pela importância que o Brasil tem na América Latina, pela história de paz do Brasil. O Brasil é um país de paz. No Brasil, nós primamos e damos prioridade à política de paz. Então, seria importante que o Brasil participasse.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Deixa eu lhe contar uma coisa. Eu penso que durante muito tempo nós tivemos, na América Latina, uma elite política que olhava mais para os Estados Unidos, mais para a União Européia, e menos para dentro de nós mesmos. Nós agora nos descobrimos enquanto continente. Por isso o Brasil trabalha para fortalecer o Mercosul, junto com a Argentina, Uruguai e Paraguai. Por isso o Brasil participa da criação da Unasul, que é a integração de toda a América do Sul. E por isso nós estamos fortalecendo a necessidade de que países como os Estados Unidos tenham uma política ativa para a América Latina e para a América do Sul, que a Europa tenha uma política ativa para a América Latina e para a América do Sul. Ou seja, se nós queremos paz, se nós queremos desenvolvimento, nós precisamos olhar a relação entre a América do Sul e o restante do mundo. Nós não podemos ficar trancados dentro dos nossos problemas.

E o Brasil tomou uma atitude. Ou seja, nós criamos o G-20, nós criamos o G-4, por quê? Porque nós queremos ter influência nas decisões políticas mundiais. Não é justo que meia dúzia de países se reúnam... Qual é o significado de uma reunião do G-8 hoje, sem Brasil, sem China, sem Índia, sem África do Sul, sem México? Nenhum.

Jornalista: (em inglês)



Presidente: Não só porque somos grandes economias, mas porque representamos grandes populações e porque temos interferência nas políticas regionais. É possível imaginar qualquer coisa no mundo comercial, hoje, sem a China? Não. Sem a Índia? Não é possível. Sem o Brasil? Então, é importante que haja uma evolução, na cabeça dos atuais líderes, que mudem de padrão.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Veja, eu acho que respondem bem. Deixa eu lhe contar uma coisa. Eu, na última reunião que houve, do G-8, em Berlim, nós tivemos uma reunião do G-5. E eu disse ao primeiro-ministro Sing, disse ao presidente Hu Jitao, disse ao Mbeki, presidente da África do Sul, e disse ao Calderón, presidente do México, que o Brasil não participaria mais da reunião do G-8 nos moldes em que nós somos convidados. Depois fui a Berlim e disse, na reunião, que não tinha sentido ser convidado para um almoço e nada mais do que isso, as decisões já estavam tomadas. Agora vai ter uma reunião em Tóquio, o próximo G-8. Se eu for apenas para almoçar, será um almoço muito caro.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: E será o restaurante mais longe da minha vida. Obviamente que a gente aceita, por deferência a quem convida. É sempre deselegante um amigo convidar você para jantar e você dizer que não vai. Mas tem implicações políticas. É preciso mudar a lógica do G-8. Não são mais 8 países que determinam a lógica da economia mundial, não é mais o G-8 que determina a lógica do comércio mundial. Olhem o potencial desses países de que eu estou falando e nós vamos perceber que o lógico seria ter o G-8 mais os 5, seria G-13, quem sabe G-14.



Jornalista: (em inglês)

Presidente: Seria muito importante ir ao Brasil. Além de conhecer Brasília, que é uma cidade muito bonita, além de conhecer o Rio de Janeiro, que é uma obrigação de todo ser humano. Conhecer Foz do Iguaçu, comparar com o Niagara e, ao mesmo tempo, seria importante conhecer a Amazônia, conhecer o Pantanal.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Teria que ser uns 15 dias.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Há muito tempo eu não tinha nem pretensão de ser candidato a político, porque a minha vida é um tanto quanto contraditória. Eu não gostava de política, não gostava de quem gostava de política, jamais pensei em ser candidato a qualquer coisa, jamais pensei em ser filiado a um partido político e, de repente, tudo isso aconteceu na minha vida. Eu me lembro que, em 1978, fui reeleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, e prometi a minha mulher que seria meu último mandato, que eu iria voltar a viver uma vida normal com ela. Já estamos em 2007, ou seja, praticamente 30 anos, e minha vida não teve retorno. E eu acho que a minha chegada à Presidência da República foi um daqueles fenômenos que a Sociologia não tinha previsto. Em um país da dimensão do Brasil, era pouco previsível que um metalúrgico pudesse sair da fábrica e virar presidente da República.



Jornalista: (em inglês)

Presidente: Hoje, eu dou graças a Deus por não ter sido eleito em 1989. Por que eu dou graças a Deus? Talvez não seja bem o termo, mas eu acho que 12 anos de espera me prepararam muito. Quando cheguei à Presidência da República, eu me sentia preparado para exercer o poder. Eu conhecia todos os presidentes que tinham chegado lá antes de mim, e pode ter gente igual, gente com maior formação intelectual, mas governar não é isso. Governar é saber tomar decisão, governar é saber definir as prioridades, governar é exercer o papel do Estado sem abdicar da liberdade da iniciativa privada, governar é você definir para quem o Estado deve governar. E eu me sentia preparado. Logicamente, que entre eu me sentir preparado e exercer o governo, há uma diferença muito grande. Então, eu acho que aprendi muito nesses quatro anos e meio, e eu não tenho falta de humildade de dizer que eu vivo aprendendo todos os dias. Noutro dia, me perguntaram como eu me sentia, e eu dizia: eu sou uma metamorfose ambulante, ou seja, estou aprendendo todos os dias. Eu acho que Deus, quando fez o ser humano com uma boca só e com duas orelhas, é para a gente ouvir um pouco mais do que falar. E eu me considero um bom ouvinte, eu ouço muito, eu converso muito, e eu vou aprendendo e vou executando.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Deixe-me lhe contar uma coisa. Eu fui um homem que teve uma grande militância sindical. Sem nenhuma falta de modéstia, durante um tempo eu fui o melhor dirigente sindical brasileiro. Depois, criei o partido político mais importante da esquerda na América Latina e, em 20 anos, chegamos à Presidência da República. Nessa escada do tempo, algumas pessoas não conseguem subir todos os degraus, e outras pessoas, que vão assumindo mais



responsabilidade e vão chegando aos degraus mais altos, vão trabalhando em função da realidade concreta e objetiva. Quando a gente é oposição, a gente faz política filosofando. Quando você ganha as eleições, você faz política governando. As decisões sobre o Orçamento da União, se você vai dar mais dinheiro para um ministro ou para outro, você não pode convocar uma plenária partidária para decidir. É na hora. Às vezes, eu tenho que tomar uma decisão internacional, o meu ministro me telefona, é na hora que tem que tomar. Eu acho que nós cumprimos o nosso programa e fizemos mais.

É importante lembrar que, para que eu ganhasse as eleições, nós tivemos que fazer uma inflexão, eu tive que abrir mão de algumas coisas em que acreditei a vida inteira. Por exemplo, só para você compreender, durante quase 30 anos da minha vida, fazia o seguinte discurso: eu vou fazer reforma agrária ampla e radical sob o controle dos trabalhadores. Aí, me disseram o seguinte: “Presidente, em vez de falar ampla e radical com a raiva que você fala, por que você não fala ‘eu vou fazer reforma agrária tranqüila e pacífica?’” Não é muito melhor? Bem, e com nuances como essa, nós preparamos um programa, com menos adjetivos, com coisa muito mais concreta e ganhamos as eleições. Tem setores de esquerda que não concordam conosco, porque nós, para chegarmos ao momento em que estamos vivendo hoje no Brasil, nós fizemos um sacrifício muito grande em 2003. Nós precisamos cortar quase na própria pele para poder sobreviver, porque a inflação estava crescendo, o Brasil não tinha nenhuma credibilidade internacional, devia 16 bilhões de dólares ao FMI, e o que nós fizemos? Eu fiz, como eu fazia na minha casa quando eu recebia o salário.

Quando eu trabalhava na fábrica, chegava em casa com o salário, com a mulher, colocava o holerite fechado em cima da mesa: quanto devemos? Vamos pagar o que devemos. Quanto sobrou? O que dá para fazer? Tira o dinheiro do transporte, tira o dinheiro de alguma coisa para a meninada. Bom, se não sobrasse nada, paciência. No governo, nós fizemos o mesmo. Se a



gente quiser recuperar a economia, nós não podemos deixar a inflação voltar, de espécie alguma. Fizemos um duro plano de metas para a inflação, aumentamos o superávit primário de 3.75% para quase 25%, o que me permitiu hoje estar em uma situação mais confortável. O Brasil está crescendo, a indústria está crescendo...

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Então, o que nós estamos vivendo hoje no Brasil? Não devemos mais ao FMI, não devemos ao Clube de Paris. Temos 163 bilhões de dólares em reservas, mais do que os Estados Unidos. Temos, portanto, uma inflação controlada de 3.75%, 4%, temos um crescimento da massa salarial de 7.2%, o crescimento do emprego. Significa o quê? Significa que nós conseguimos combinar o crescimento da nossa política de exportação com o fortalecimento do mercado interno; conseguimos combinar o controle da inflação com o crescimento econômico, com a geração de empregos e distribuição de renda. Estamos longe ainda de dar ao povo brasileiro o padrão que aquele povo merece, mas as bases estão construídas para que o Brasil se transforme numa grande economia mundial.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu não quero que o povo tenha paciência, eu quero que o povo reivindique cada dia mais, eu quero que o povo me cobre.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Agora, veja, já estamos cumprindo. Quando eu tomei posse, no dia primeiro de janeiro de 2003, eu disse, no meu discurso: se, ao terminar o



meu mandato, os brasileiros estiverem tomando café da manhã, almoçando e jantando, eu já me sentiria satisfeito. Pois bem, nós fizemos o programa Fome Zero. Dentro do programa Fome Zero, nós criamos o Bolsa Família. Estamos atendendo 11 milhões de famílias, são 44 milhões de homens e mulheres. Em apenas quatro anos, nós reduzimos – já cumprimos a Meta do Milênio, que era para 2015 – metade da pobreza.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olhe, eu posso lhe dizer uma coisa. Nós estamos longe de atingir a perfeição, mas o que nós fizemos, em quatro anos e meio, é mais do que foi feito nos últimos 30, 40 anos no nosso País, em nível de política social. O crescimento da indústria e a melhoria da qualidade de vida das pessoas é o melhor nível dos últimos 25 anos. É importante lembrar uma coisa: o Brasil passou praticamente 26 anos com a sua economia estagnada. O que aconteceu em 26 anos? As pessoas ficaram mais pobres, cresceu o número de marginais, de delinqüentes, de pessoas sem esperança. Agora, nós queremos estender a mão a essas pessoas e dar uma oportunidade. A oportunidade perdida nas décadas passadas, nós queremos dar agora, e estamos dando.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu penso que muito mais do que apenas para o Brasil. Eu gostaria que os Estados Unidos fizessem uma política mais ativa e mais propositiva para os países da América Latina, sobretudo para os menores. Se nós não dermos uma chance a esses países de crescer economicamente, de gerar empregos, o que essas pessoas vão fazer da vida? É importante lembrar que nós estamos vivendo um período importante de fortalecimento da democracia no Continente. Agora que não existe mais o medo do Comunismo, agora que o



mundo está mais tranqüilo, agora que as pessoas aprenderam a fazer as disputas políticas exercendo a democracia, eu penso que os Estados Unidos deveriam ter uma política mais pró-ativa para a América Latina. Por isso é que nós estamos brigando na Organização Mundial do Comércio, na Rodada de Doha, para que haja uma combinação perfeita: os Estados Unidos reduzem os subsídios agrícolas, a União Européia facilita o acesso ao mercado agrícola e nós, do G-20, flexibilizamos os produtos industriais. Estamos próximos de chegar a um acordo. Se chegarmos a um acordo, certamente quem vai ganhar não são os Estados Unidos, não é o Brasil e nem a União Européia. Quem vai ganhar são os países mais pobres do mundo. É isso o que nós queremos.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu não mudei, porque eu sei de onde eu vim e sei para onde vou voltar. Eu tenho clareza de quem são, efetivamente, as pessoas que eu represento, tanto no Brasil quanto nas viagens internacionais.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Sabe por que eu não deixei? Porque eu digo sempre que o legado mais importante que eu quero da minha vida política é, quando eu deixar a Presidência, ser chamado de companheiro pelos meus velhos companheiros, e disso eu não abri mão. E depois, uma coisa importante que eu aprendi nessas reuniões: imagine você a primeira vez que eu fui ao G-8, em Evian. De repente, eu estava diante do presidente Bush, do príncipe da Arábia Saudita, do Tony Blair, do Chirac, todos figuras que eu só via na televisão. E, de repente, eu lá, um metalúrgico no meio de tanta gente importante. Aí, a reunião começou e eu descobri “eu sou igual a eles, eles não são mais importantes do que eu. Eles podem presidir um país mais importante do que eu, mas eu tenho a minha



importância porque eu represento o meu povo também”. E aí você aprende a falar de igual para igual. Sabe o que eu aprendi na minha vida, negociando desde muito jovem no Sindicato, e é o que nós tentamos exercer na política internacional? Nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor que não se respeita. Então, quando o Brasil vem conversar com os Estados Unidos, ou quando o Brasil vai conversar com a França, nós temos que conversar de igual para igual, os nossos povos têm interesses, têm deveres e direitos, mas um país não pode se curvar diante do outro. É preciso ter auto-estima, é preciso andar de cabeça erguida. E isso eu aprendi. Eu aprendi, na vida, a me respeitar, porque é me respeitando que eu vou ganhar o respeito dos outros.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: É bem possível, porque grande parte das coisas que eu decido hoje no governo, eu aprendi na minha vida sindical. Obviamente que é diferente negociar com uma Ford e negociar entre Brasil e Estados Unidos, são coisas muito maiores. Mas foi ali, na negociação de fábrica, representando os meus metalúrgicos, que eu aprendi a arte de negociar.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Veja, não dá para ter um pedaço para todo mundo, mas não é justo que alguém sozinho coma o bolo, ou seja, é preciso reparti-lo. É preciso criar as condições para fazer o bolo ser maior ainda e ter mais bolo.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Nós temos feito isso no Brasil. Se você um dia for ao Brasil, eu queria que você tivesse acesso a tudo que nós fizemos de política social no



Brasil, e é muita coisa.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Outro dia me fizeram essa pergunta e eu disse o seguinte: eu tenho o meu maior sucesso em tudo que eu fiz até agora. E o meu maior fracasso é não ter feito o dobro do que eu fiz até agora. E eu vou descobrindo a cada dia que eu posso fazer mais. Eu aprendi que se o governante não for ágil, não for teimoso e se não estiver brigando todos os dias... O governante é como se fosse um trem. A máquina é como se fosse a estação do trem. Então, a cada hora passa um trem, faz barulho, apita e a estação está lá impávida. O trem vai embora e a estação está lá, vem outro trem. No governo é a mesma coisa. Você tem uma máquina pública que é quase que eterna e os governos são passageiros. Então, quando você toma uma decisão e você não acompanha ela cotidianamente, seis meses depois que você tomou a decisão, você vai perceber que a decisão não andou porque está parada na gaveta de alguém. Então, eu aprendi. Agora, por exemplo, nós lançamos um Programa de Aceleração da Economia. São 252 bilhões de dólares investidos até 2010 em infra-estrutura, urbanização de favelas, água potável e coleta de esgoto. Então, eu criei um conselho gestor, coordenado por uma ministra no meu gabinete, participa o ministro da Fazenda, o ministro do Planejamento e o ministro de cada área. Se é dos Transportes, participa; se é do Meio Ambiente, participa. E cada ministro também tem um conselho gestor. E eles se reúnem a cada mês e, a cada quatro meses, todos prestam conta para mim: quantos metros de estradas foram feitos, quantos litros de água tirou, quantos metros de esgoto foram coletados, porque senão os presidentes terminam os mandatos e as coisas não acontecem.

Jornalista: (em inglês)



Presidente: A corrupção é problema sério e não um problema do Brasil. É um problema do mundo. Quando que a corrupção aparece mais? Quando você a combate. Se você quiser evitar a corrupção, levantar o tapete e varrê-la para baixo, ela não aparece na imprensa. Agora, se você prepara a Polícia Federal, contrata mais gente, investe na inteligência, cria uma Controladoria-Geral da República para fiscalizar os ministros e fiscalizar os estados e as prefeituras, estabelece uma relação de total autonomia com os Ministérios Públicos, aí a coisa começa a funcionar, aí a corrupção começa a aparecer. Porque nós estamos desmontando verdadeiras quadrilhas que existiram há 10, 15 anos. E ainda falta muito por fazer, e vamos fazer. E eu tenho dito todos os dias: nós somos homens públicos para fazermos as coisas honestamente e pensando em privilegiar, beneficiar a maioria do povo. Se não fizemos isso e pensamos em nós mesmos, temos que ser punidos por alguma instância até chegar à Suprema Corte.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olha, eu tenho uma relação pessoal muito boa com o Chávez. O Brasil tem uma relação muito importante com a Venezuela, temos interesses recíprocos, temos investimentos na Venezuela e trabalhamos para que a Venezuela seja integrada ao Mercosul. Da mesma forma que trabalhamos para a Bolívia, da mesma forma que trabalhamos para o Equador. Ou seja, temos problemas políticos? Temos. Mas na América Latina sempre vão ter problemas políticos, porque somos um continente num processo de formação e consolidação da nossa democracia. É importante lembrar a quantidade de anos em que a grande maioria dos países da América Sul foi vítima de regimes autoritários. Portanto, nós estamos agora aprendendo a construir uma democracia sólida, eficaz, e achamos que vamos construir na América do Sul.



Então, a relação do Brasil com a Venezuela e a minha relação com o Chávez é a melhor possível.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Veja, eu penso que o Chávez diz ter suas razões. Eu, de vez em quando, brinco com o presidente Bush e brinco com o presidente Chávez, porque o Chávez precisa do Bush para vender petróleo e o Bush precisa do Chávez para comprar petróleo. Eu não sei por que brigam tanto. Mas, de qualquer forma, eu estou convencido de que essa briga que, muitas vezes, tem uma certa exploração pela imprensa, não prejudica, em hipótese alguma, a relação democrática que nós exercemos hoje em toda América do Sul.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Conheci.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Eu acho que nenhum dos dois, porque são realidades muito distintas, inclusive realidades culturais. Ou seja, eu, sinceramente, não faço esse tipo de comparação, porque não tem muito a ver com o Brasil.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Se eu pudesse prever tudo isso seria tão bom. Eu ainda tenho três anos e meio de mandato. Então, veja uma coisa, eu, quando terminar meu mandato, no dia 31 de dezembro de 2010, terei sido o presidente da República que mais investiu na educação brasileira. Até 2010, nós teremos construído 10



universidades federais novas, teremos feito 42 extensões universitárias e teremos feito 214 escolas técnico-profissionais a mais no Brasil. Esse é um dado importante: em 93 anos, o Brasil construiu 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214.

Nós estamos fazendo um programa de desenvolvimento da educação, estamos fazendo um programa de educação a distância, para formar os nossos educadores. Nós temos o maior programa de compra de livros do mundo. Nenhum governo do mundo compra a quantidade de livro que nós compramos. São 160 milhões de livros didáticos distribuídos para os nossos estudantes. E, mais ainda, os números são muito grandes.

Então, como é que eu quero ser lembrado? Eu quero ser lembrado como uma pessoa que governou o Brasil com as dificuldades próprias de um país em desenvolvimento, com consciência de que não pude fazer tudo que poderia ser feito, mas que fiz tudo o que estava ao meu alcance. Eu quero encostar a cabeça no travesseiro e dizer: muito mais do que ter sido honesto comigo, eu fui honesto com vocês e verdadeiro com Ele. Aí, eu poderei morrer tranquilo.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Obrigado.